



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

Drops de anis

Fabiana Corrêa

Eu a conheço antes de ela se reconhecer. Eu me reconheço no que conheço dela. Enquanto me perco nas linhas suaves ao redor de seus olhos, ou me demoro nos sulcos que contornam sua boca e insinuam um sorriso não declarado, percorro memórias.

Lembro-me dela miúda, mal conseguindo domar os passos, tropeçando nos dedos pequenos e apoiando-se ao longo do caminho naquilo que lhe desse pega. Vi tropeços e recomeços. Houve momentos em que a encontrei decidida em passo firme, quase correndo rumo ao que nem ela suspeitava. Apenas seguia, avançando em desmedida correria. Muitas vezes não chegou, outras tantas precisou voltar à origem do caminho e refazer a rota, mesmo que baseada em imprecisões.

Um dia a encontrei remando ladeira acima. Vinha carregada de bagagens. Tinha mochila, bolsa pequena, sacola grande, dois balaios, uma gaiola enferrujada e um cachorro na coleira. Também tinha um gato preto que a seguia em liberdade. Pensei em oferecer ajuda, mas ela passou por mim como se eu fosse fantasma. Com bochechas vermelhas e gotas de suor brotando nas têmporas, seus passos eram firmes, sulcando o calçamento desgastado. Acompanhei sua escalada, sem que ela parasse um minuto sequer para recobrar o fôlego. Alcançando o topo da ladeira, perdi-a de vista e senti um enorme vazio como se ela tivesse recolhido minha bagagem no caminho.

Depois de algum tempo, encontrei-a em meio a uma tempestade tropical. Do céu, escorria uma cortina densa de água. Os ventos reviravam a copa das árvores com fúria, arrancando-lhes galhos com desejos de pássaros. Outras árvores, com raízes cansadas da fixação, aproveitavam a energia da tempestade e rompiam a ligação com o solo para tombar logo em seguida. Ela, sem capa ou guarda-chuva, atravessava a fúria do tempo



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

como se passeasse ao sol em uma tarde tranquila de outono. Sequer percebia os galhos e folhas que passavam muito próximos de seu corpo. Alguns quase a beijá-la. Com o cabelo encharcado e roupa colada ao corpo, seguia serena como se da tempestade se nutrisse. Decidi acompanhá-la, mas me perdi depois da segunda esquina dobrada. Eu não sabia atravessar a tempestade.

Em uma tarde de festa, encontrei-a na praça. Estava com um vestido que me pareceu novo, sandálias de tiras trançadas e cabelos revoltos. Esses eram sempre indomados. Enchi-me de coragem e, me aproximando lentamente, ofereci um drops de menta. Sorrindo, ela aceitou, mesmo que, na breve conversa que se iniciou, tenha me confidenciado que preferia de anis. Acompanhei-a até um banco com tinta descascada. Reparei no livro que ela repousou no colo. Era grosso. O autor era russo. A lombada estava craquelada, e das páginas saltavam várias tirinhas coloridas. Eu queria saber da história, tanto quanto queria saber dela. Mas comigo, só dividiu o silêncio. Quando por fim ela se levantou e partiu, fiquei inundado de palavras. Pensei em chamá-la de volta, gritar ou até correr ao seu encalço. Mas as palavras eram tantas, que pesaram, prendendo-me ao banco.

Por anos não a vi e pouco tive notícias. Uns disseram que ela estudava em outro país, outros sugeriram que havia seguido uma trupe circense. Um amigo contou ter passado por ela na orla de uma praia famosa, no mesmo dia que outro afirmou, categórico, que ela estava em um retiro espiritual nas montanhas. Achei as duas opções possíveis, mesmo que simultâneas. Ela era dada a divagações e translocações. Eu, avesso a transgressões, busquei coragem na saudade e troquei a menta pelo anis.

O meu coração saltou três vezes no dia em que, sem aviso, ela atravessou a faixa de pedestres bem na minha frente. Aprisionado em meu casaco de couro e capacete, não consegui chamá-la. Hesitei entre abandonar minha motocicleta ou seguir em contramão. O sinal foi mais rápido e o trânsito me engoliu. Voltei àquele cruzamento muitas vezes nas semanas seguintes. Ela não.

Tempos depois, sufocado de saudade, encontrei-a em um jardim, conversando com o invisível. Suspeito que segredava sua vida às árvores, enquanto essas deviam lhe



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

aconselhar. Não tive coragem de me intrometer na conversa e tampouco ela me viu. Em outros tempos, encontrei-a cercada por crianças. Umas suas e outras também. A cada encontro roubado, eu percebia que o tempo marcava sua face com lindos desenhos. Eu me perdia neles, mesmo que precisasse colocar os óculos para isso.

Nossos desencontros eram intermitentes. Encontrá-la, apesar de desejo constante, era sempre accidental. Entre os intervalos descompassados, eu preenchia a ausência com livros grossos e drops de anis. E foi por conta do meu interesse por livros que um amigo me convidou para uma sessão de leitura com uma escritora que voltava à cidade. Na falta de outro programa, resignei-me e fui. O livro sobre a mesa era fino. A lombada estava intacta. Uma única tirinha de papel colorido saltava da página. A autora não era russa. Era ela, com os cabelos ainda revoltos e agora prateados. Não sei da história lida. Apenas embalei-me em sua voz, comprei o livro e perdi a fila do autógrafo enquanto seguia seus dedos desenhando palavras em livros alheios. Eu não tinha nenhum drops de anis nesse dia.

Soube depois, pela gazeta da cidade, que uma escritora, filha da terra, voltava em definitivo ao seu berço natal. Comprei uma caixa de drops de anis. Passei a não sair de casa sem eles. Minhas caminhadas, mesmo que cada vez mais lentas, cobriam toda cidade. Visitei todos os bancos da praça. Espiei por todas as janelas. Fui muitas vezes ao mercado, ao jornaleiro e até ao pipoqueiro. Quando minha esperança quase empalidecia, encontrei-a sentada no banco descascado da praça. Sobre o colo, um livro grosso com lambada craquelada. O autor agora era colombiano. Eu já o conhecia, mas ainda queria saber dela. Sentei-me e ofereci um drops de anis. Ela sorriu e aceitou, mas disse que, há tempos, preferia o de menta. Era sabor da lembrança. O relógio antigo da igreja bateu as muitas horas. Ela quebrou o silêncio comentando sobre o tempo que passava. Não importa a direção dos ponteiros, completei, sempre foi por você. Continuamos a segredar silêncio até que a noite nos alcançou e, então, partimos com todas as palavras desembrulhadas como o drops de anis.